



REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NA MÍDIA: CONSTRUÇÃO DO CORPO E DA FEMINILIDADE EM *GIRLS*

Paula Cunha Lopes, P.C.L.

Universidade Federal de Minas Gerais cpaulalopes@gmail.com

RESUMO: Este artigo pretende observar a representação do feminino em uma série televisiva contemporânea, *Girls*, produzida por Lena Dunham e lançada em 2012 pela HBO. O trabalho parte da premissa de que a mídia é geradora de sentido na sociedade e reforça papéis e estereótipos sociais. Além disso, compreende-se que produtos audiovisuais produzidos por mulheres são de extrema relevância para a criação de suas próprias representações, porém, problematiza-se se Hannah, protagonista da série em questão, de fato promove um tensionamento para se pensar as representações das mulheres na mídia. O aporte teórico para se tratar de questões de gênero foi embasado nas contribuições de Judith Butler (1990) e a articulação entre gênero e representação midiática foi iluminada por Silvana Mota-Ribeiro (2005). Para dar conta do contexto em que a personagem está inserida, utilizou-se o conceito de estilo de vida por João Freire Filho (2003), bem como o de terceira mulher, por Gilles Lipovetsky (2000).

Palavras-chaves: série televisiva, feminino, gênero, corpo, representação.

INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende analisar, em linhas gerais, a representação do feminino na série *Girls*, do canal norteamericano HBO. Compreende-se a mídia como lugar de construção e reprodução de representações sociais, que veicula imagens e discursos de fundamental importância para observar e pensar questões de gênero.

O trabalho lança mão das contribuições de Judith Butler (1990), cujo aporte teórico foi mostrado significativo para questões de gênero, e os estudos de Silvana Mota-Ribeiro (2005) para se observar questões de representação do feminino em instâncias midiáticas. Embora de matrizes diferentes, as autoras se tangenciam

em alguns pontos que foram essenciais para dar subsídio teórico à pesquisa em questão.

O percurso metodológico utilizado para o presente estudo foi de caráter analítico, ou seja, com foco na observação e interpretação do objeto empírico. Ao olhar para a série, foi observado de que maneira o gênero se mostra *performativo* (nos termos de Butler) em um produto televisivo, de forma a reificar relações normativas. Além disso, foi questionado o lugar da personagem principal Hannah Horvath em relação a *estereótipos de gênero e papéis sociais*, conceitos trazidos por Mota-Ribeiro.

Sob tais perspectivas, buscou-se compreender possíveis rupturas de padrão do feminino (ou não) causadas por Hannah na série *Girls* a partir do entendimento da sua



representação como geradora de sentidos na sociedade, e o questionamento que moveu se deu em torno de possíveis quebras de expectativas geradas pela personagem principal. Afinal, quebras de expectativas modificam o padrão de representação do feminino na mídia, chegando a marcar um lugar de questionamento?

Foram escolhidos três episódios de diferentes temporadas para o *corpus* da pesquisa, que exibiam cenas de nudez/sexo e que tocavam em questões como feminilidade, corpo e sexualidade relativas à personagem principal. Os episódios que traziam de forma marcante essas questões foram: *She did*¹, *One Man's Trash*² e *Queen for two days*³.

É importante destacar que este artigo não pretendeu esgotar as discussões acerca da representação do feminino em *Girls*, nem dar conta de toda o enredo da série. A intenção deste trabalho foi levantar uma discussão importante a respeito da construção e manutenção de padrões nas representações femininas na mídia, e de que maneira elas podem ser tensionadas ou problematizadas.

1. A questão de gênero

Os estudos feministas, até meados da década de 90, eram fortemente centrados na distinção entre gênero e sexo, percepção

iluminada pela filósofa francesa Simone de Beauvoir, com sua obra clássica *O Segundo Sexo* (1949). Embora tais estudos divergissem, e ainda o divergem, em vários pontos, os principais pensamentos feministas partiam da premissa de que sexo era uma condição natural/biológica do seres, enquanto gênero era uma definição social construída para distinguir homens e mulheres.

No início dos anos 90, a filósofa americana Judith Butler lança o livro *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade* (1990), que marca uma ruptura com o pensamento preeminente até então. Escrito em um contexto de epidemia de AIDS e efervescência Queer nos Estados Unidos, o seu livro influenciou os estudos feministas pós-modernos, as teorias de gênero e a Teoria Queer, que ganhava espaço nos centros de pesquisas desde a década de 70.

Ao partir da própria formulação de Beauvoir de que “ninguém nasce mulher: torna-se”, Butler vai revisitar outros teóricos como Foucault, Wittig, Irigaray e Kristeva para colocar em cheque a dicotomia entre gênero e sexo, de forma a questionar a própria existência da categoria “mulheres”. A autora formula, de maneira complexa e densa, a ideia de que a identidade de gênero é um construto performativo construído pelo discurso.

¹ HBO, 2012.

² HBO, 2013.

³ HBO, 2016.



Se o argumento de Beauvoir, de que não nascemos mas nos tornamos uma mulher, está correto, segue-se que a mulher em si é um termo em processo, um devir, um construir do qual não se pode dizer legitimamente que tenha origem ou fim. Como uma prática discursiva contínua, ela está aberta à intervenção e à resignificação. Mesmo quando gênero parece se cristalizar nas formas mais reificadas, a “cristalização” é, ela própria, uma prática insistente e insidiosa, sustentada e regulada por diversos meios sociais. (BUTLER, 1990, *apud* SALIH, 2012:66)

Nessa lógica, Butler assume que não há relação entre gênero e corpo, visto que o gênero é um devir, não um estado ontológico do ser. Da mesma forma, ela pressupõe que não existe nenhum sujeito pré-discursivo, assim, tanto as categorias de gênero quanto de sexo são socialmente construídas e, por isso, instáveis.

Butler faz a distinção de sexo/gênero para argumentar que não há sexo que não seja já e, desde sempre, gênero. (SALIH, 2012:89) Para ela, gênero, sexo e sexualidade não estão calcadas em uma relação necessariamente mútua,

de modo que se, por exemplo, alguém é biologicamente fêmea, espera-se que exiba traços “femininos” e (num mundo heteronormativo, isto é, num mundo no qual a homossexualidade é considerada a norma) tenha desejo por homens. (SALIH, 2012:67)

Assim sendo, categorias dicotômicas simplistas como “macho” e “fêmea” ou “homem” e “mulher” são apenas construtos discursivos e, ao considerar de que sexo e

gênero são discursivamente construídos, Butler irá dizer sobre a característica *performativa* do gênero. Afinal, não só as normas de gênero são constituídas, como são mantidas, isto é, para a autora, o gênero não passa de “uma sequência de atos repetidos que se enrijece até adquirir a aparência de algo que esteve ali o tempo todo” (SALIH, 2012:94). Assim sendo, o gênero é um “processo regulado de repetição” que se dá pela linguagem e em que o sujeito se torna preso a um discurso do qual não pode escapar ou o qual não pode alterar”⁴ (SALIH, 2012:96).

2. Representação do feminino na mídia

Silvana Mota-Ribeiro traz contribuições fundamentais para os estudos feministas em seu livro *Retratos de mulher: construções sociais e representações visuais do feminino* (2005), ao tratar de identidade feminina, das representações sociais e do conceito de “feminilidade”. Embora ela não parta dos mesmos pressupostos conceituais, metodológicos e epistemológicos de Judith Butler citados previamente,⁵ para a análise

⁴ É importante salientar que Butler é otimista em relação às “possibilidades de desnaturalizar, proliferar e deslocar as identidades para revelar a natureza construída da homossexualidade” (SALIH, 2012: 96)

⁵ Já na introdução do texto, Mota-Ribeiro utiliza-se do pensamento de Beauvoir para fazer a distinção entre os conceitos de sexo/gênero, que Butler problematiza e desconsidera. Para Mota-Ribeiro, “uma vez que a noção de sexo não explica a ‘masculinidade’ ou a ‘feminilidade’, impõe-se uma outra noção: a de gênero. Este diz respeito aos comportamentos e expectativas socialmente aprendidos que são associados a cada um dos dois sexos” (Mota-Ribeiro, 2005:15). Embora a autora faça distinções anatômicas entre



que se propõe neste artigo, sua reflexão se torna cara ao tratar da representação do feminino na mídia e suas implicações sociais.

Mota-Ribeiro inicia sua reflexão partindo de uma clara premissa de que ser mulher ou homem para uma cultura, sociedade, classe, idade ou etnia, varia profundamente. Assim, ela já se distancia da ideia de que a “feminilidade” é homogênea, e nos sugere o uso de “feminilidades” no plural, já que ela é vivida de formas diferentes por distintas mulheres.

Alguns conceitos importantes que Mota-Ribeiro apresenta para destacar a importância social do gênero são: “papel social”, “representação social” e “estereótipos de gênero”. O primeiro se refere a “um conjunto de comportamentos ou atividades que determinada sociedade considera mais apropriados para os membros de um sexo do que para de outros” (MOTA-RIBEIRO, 2005:17). O segundo, para a autora, são “pontos de referencia através dos quais uma pessoa comunica com o outro, permitindo-lhe situar-se a si própria e situar o seu mundo” (SEMIN, 1989: 243, *apud* Mota-Ribeiro, 2005: 22). Por fim, os estereótipos de gênero se referem a

sexos biológicos, ela coloca, por exemplo, que não há categorias puras entre feminilidade e masculinidade, afinal, não é o biológico que impera, mas o cultural (mostrando possível uma aproximação das autoras nesse sentido).

um conjunto de crenças, de ideias partilhadas, de valores relativos ao feminino, que não apenas servem como simplificações úteis para lidar com a complexidade e diversidade do universo feminino (do que é ser mulher). (Mota-Ribeiro, 2005:23).

Ou seja, para a autora, são atributos pessoais, como aparência e características de personalidade, e determinados padrões de comportamento que facilitam uma compreensão social, mas que também delimitam e simplificam as concepções de “feminino” e “masculino”.

Nesse processo de construção social, Mota-Ribeiro destaca a importância de agentes de socialização, como, por exemplo, a mídia, que fornecem

padrões de comportamento socialmente desejáveis para cada um dos sexos e de símbolos de feminilidade e masculinidade que tenderão a ser interiorizados como a norma feminina e a norma masculina, tornando-se parte da identidade de meninas e meninos. (Mota-Ribeiro, 2005:20)

Porém, ela nega que o gênero é uma entidade fixada através da biologia ou dos papéis sociais, e destaca o fato de serem estruturas criadas por indivíduos e, portanto, são recriadas nas interações sociais.

Não é o gênero que determina o comportamento das mulheres, mas é o nosso sistema de gênero que coloca algumas pessoas como mulheres numa organização particular da vida social, fazendo com que essa localização pareça natural e o resultado da biologia e da psicologia, não da cultura ou da política (RAKOW, 1986: 24, *apud* Mota-Ribeiro, 2005:21).

Ainda nesse sentido, a autora irá dizer sobre a identidade feminina, que, para ela, não



é imutável e natural, mas um “ideal normativo” e, citando Butler, “um conjunto de práticas reguladoras da formação e distinção de gênero” (BUTLER, 1990:16, *apud* MOTA-RIBEIRO, 2005: 24). Enquanto ideal, portanto, leva a distintas mulheres a se conformarem com tais normas para se reconhecerem como tais.

3. Gênero e feminino na série *Girls*

Quando se pensa a representação do feminino na mídia em seriados televisivos, é impossível não lembrar do fenômeno de *Sex and the City*, lançado em 1998 pela HBO. A série foi, durante muito tempo, uma referência comportamental importante no imaginário feminino ocidental, quando apresentava à sociedade quatro mulheres, diferentes entre si, mas buscando a mesma coisa: sucesso profissional, independência econômica, vida sexualmente ativa, relacionamentos bem sucedidos, vida social agitada e, claro, tudo com o último lançamento do Manolo Blahnik nos pés.

Oito anos depois do fim de *Sex and the City*, surge *Girls*, no mesmo canal, também com uma história de quatro amigas vivendo a juventude em Nova York. Desde o lançamento, a comparação entre as duas séries foi inevitável, e instaurou-se um debate importante para se pensar a representação da

mulher em séries televisivas quase uma década depois.⁶

No ano de seu lançamento, *Girls* alcançou uma audiência baixa nos EUA e a ausência de protagonistas negras foi uma das severas críticas, além de o fato de que não existia nada de especial na vida da protagonista Hannah e de suas amigas, cujos problemas aparentavam-se demasiadamente superficiais. Posteriormente, a série se estabeleceu com altos índices de audiência, que permanecem até hoje.

A série conta a história de Hannah, interpretada por Lena Dunham, uma americana, branca, aspirante a escritora, acima do peso, que aos 24 anos ainda trabalha como estagiária não remunerada. Além de Hannah, a série retrata a vida de mais três amigas, Marnie Michaels (Allisson Williams), Jessa Johansson, (Jemima Kirke) e Shoshanna Shapiro (Zosia Mamet), e dá conta do dia-a-dia das amigas, das suas dificuldades em se estabelecerem no mercado profissional e também em entender o que querem dos seus relacionamentos afetivos.

⁶ Vale ressaltar que este artigo não objetiva se estender a uma comparação entre as duas; este breve paralelo é apresentado apenas para contextualizar o cenário midiático em que *Girls* se insere para levantar, posteriormente, algumas possíveis particularidades desta série em específico.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Em *Girls*, as mulheres não são bem-sucedidas, não são ‘máquinas sexuais’, não têm o corpo perfeito, nem têm relacionamentos com homens charmosos e ricos. Elas são jovens em busca de expressar seus sentimentos e sobreviver (XAVIER e SOARES, 2013: 7).

Ao invés de hipersexualizada e consumista, apenas alguns dos (nos termos de Mota-Ribeiro) estereótipos sociais femininos comumente vistos em produções televisivas como *Sex and the City*, a personagem principal Hannah parece, a primeira instância, se distinguir das representações hegemônicas ocidentais. Primeiramente, porque não apresenta o padrão de beleza feminino usualmente propagado pela mídia, que normalmente está diretamente atrelado à sexualidade. Além disso, ela manifesta veementemente seus problemas existenciais, que não são resolvidos dentro de uma loja, e expõe, assim, suas inseguranças de forma surpreendentemente realista e excêntrica. Vale considerar que, ao contrário do que se espera, a série foi criada por uma mulher, o que se coloca como extremamente relevante, haja vista ser “necessária uma maior participação das mulheres nas profissões ligadas aos *media* e à produção cultural para que (...) [elas criem] suas próprias representações.” (MOTA-RIBEIRO, 2007: 75)

A televisão, bem como o cinema e a publicidade, possuem um papel fundamental na criação e disseminação de certas imagens

que irão contribuir no processo de interiorização de papéis sociais e comportamentos humanos, afinal, os indivíduos são “coletivamente condicionados e influenciados pelas imagens que povoam o seu cotidiano.” (MOTA-RIBEIRO, 2007: 69) Diariamente, somos rodeados de imagens que constroem o que seria feminino e o que seria masculino, nesse processo social, que tanto Butler quanto Mota-Ribeiro apontam, que afeta a vida das pessoas de forma profunda. Mota-Ribeiro cita Betterson para defender que “para as mulheres, em particular, estas imagens são impossíveis de ignorar. Elas dizem-nos como devemos esperar ser vistas e tratadas pelos outros (Betterson, 1987c:1, *apud* Silvana Mota-Ribeiro, 2007:70). Isso se dá uma vez que essas imagens sobretudo reforçam relações de poder marcadas pelo gênero.

4. Hannah, as corporalidades e a feminilidade

Para a análise subsequente dos episódios escolhidos, é fundamental observar antes o contexto em que a série se dá e suas implicações. Embora Hannah seja inserida em um contexto atual, pós-moderno, em que a mulher é livre para escolher seu destino, ela se vê com outras inseguranças e cobranças, que são atravessadas pelo seu gênero.

Gilles Lipovetsky, em seu texto *A terceira*

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mulher: permanência e revolução do feminino (2000), traça uma linha do tempo em que divide a representação da mulher em três fases, para perceber as mudanças do feminino ao longo da história. Seu objetivo é perceber rupturas históricas que modificaram a forma “pela qual é construída a identidade feminina, bem como as relações entre os sexos” (LIPOVETSKY, 2000:231). A primeira mulher, segundo este autor, “perdurou, em certas camadas de nossas sociedades, até a aurora do século XIX.” (LIPOVETSKY, 2000: 234) A segunda mulher, essencialmente semelhante à primeira, aparece na Idade Média e perdura até a terceira mulher, que surge no contexto em que a ela ganha mais liberdade sexual, após o surgimento das pílulas anticoncepcionais e quando passa a trabalhar fora do lar.

Segundo ele, nas primeiras representações femininas pregava-se fortemente o culto à beleza e a qualidade da mulher sedutora. Estes tradicionais modelos contribuíram significativamente para a concepção contemporânea de feminino. Até hoje, o corpo feminino ainda está relacionado à reprodução e à sexualidade. Segundo Lipovetsky, “as funções e os papéis antigos perpetuam-se, combinando-se de forma inédita com os papéis modernos” (*apud* MOTA-RIBEIRO, 2007: 28). Nesse sentido, a mídia atua fortemente nessa concepção do

feminino, perpetuando o ideal de mulher perfeita, como visto por Mota-Ribeiro.

Embora a modernidade de fato aflore a possibilidade de escolha das pessoas ao tipo de vida que desejam, as garotas, mais especificamente, são cobradas a ter um plano de vida e a fazer escolhas corretas nos relacionamentos, levando em conta a vida profissional (MCROBBIE, 2008:19). Pode-se observar, claramente, em *Girls*, diversas cobranças à Hannah, seja por ela mesma, ou por personagens ao seu redor. Tal cobrança por normas de comportamento mais apropriadas às mulheres é mascarada com o *estilo de vida* da personagem na série.

João Freire Filho, em seu texto *Mídia, Consumo Cultural e Estilo de vida na Pós-Modernidade* (2003) fala sobre o *estilo de vida* na contemporaneidade e sua importância especialmente nos estudos de comunicação e cultura, afinal “de uma forma ou de outra, estamos todos envolvidos no projeto de construção e manutenção de uma aparência, de uma imagem, de um estilo, ao mesmo tempo particular e socialmente desejável” (FILHO, 2003: 72). O estilo de vida, para este autor, seria a atitude do indivíduo “na escolha de certas mercadorias e certos padrões de consumo e na articulação desses recursos culturais como modo de expressão pessoal e distinção social”. (FILHO, 2003:73).



Em *Girls*, o estilo de vida é fundamental para compreender as personalidades das personagens e, principalmente, as escolhas de Hannah. Para além de uma apreensão de como as quatro amigas se comportam, o conceito é fundamental, pois, para Freire, o estilo de vida seria como uma “âncora identitária” (FREIRE, 2003:74) em que os indivíduos se apegam a produtos da cultura de consumo para construir uma materialidade simbólica partilhada socialmente, que permite esconder suas ansiedades e inseguranças.

4.1. Episódio Piloto

O episódio Piloto de *Girls* dá o tom da série, pois apresenta ao público as personagens, suas particularidades, e o tema central do seriado: a vida da jovem nova-iorquina Hannah. Já nos primeiros minutos, somos apresentados à protagonista, em um jantar com seus pais, em que eles anunciam que não irão mais sustentá-la financeiramente.

Nessa primeira conversa, a mãe de Hannah diz que eles não podem mais sustentar o seu *groovy lifestyle*, que seria, em uma tradução livre e simplista, um estilo de vida alternativo, tipicamente jovem e descolado. Essa fala está carregada de julgamentos e demonstra que sua mãe recrimina seu comportamento e suas escolhas, como se o desejo de Hannah de correr atrás de suas aspirações literárias fosse um luxo fútil e

que sem o seu apoio financeiro a filha perceberia a hora de tomar decisões adultas e ser séria com suas finanças.

A cobrança dos pais demonstra um estranhamento natural ao estilo de vida em *Girls*, que Xavier e Soares (2013) caracterizaram como *indie*, em que, entre outras coisas, buscar o sucesso profissional em carreiras tradicionais não é uma prioridade, mas sim outros valores como desenvolver habilidades artísticas, literárias e criativas como forma de ganhar a vida. Segundo os autores, essa característica da série a diferenciou marcadamente de *Sex and the City*, haja vista que propiciou uma maior popularidade entre espectadoras que poderiam se reconhecer nas inseguranças, nos sentimentos e nos dilemas comuns das personagens, ou *lifelikeness*, nos termos de Thompson (1950).

O consumo cultural que marca o estilo de vida, segundo Filho (2003), se mostra bem exemplificado em uma das cenas desse episódio, em que uma das amigas de Hannah, Shoshanna, usa as personagens de *Sex and the City*, que, como já dito, são parte do imaginário social do que é ser mulher em Nova York, para se definir. Ela diz “eu sou definitivamente Carrie de coração, mas às vezes, um pouco de Samantha meio que me escapa”. Pode-se notar que, ao utilizar duas



personagens de um seriado para se definir, Shoshanna mostra não só o próprio consumo do produto midiático e sua influência, como se ditasse um estilo de vida, mas também a necessidade de unir características de duas personagens distintas para assumir que nenhuma representação por completo colocada na série a define por inteiro. Assim, retoma-se à premissa de Mota-Ribeiro de que a feminilidade não é única, mas plural e impassível de uma simplificação.

Outro momento neste primeiro episódio importante para a análise é quando Hannah, seminua, está com Adam, primeiro namorado com quem ela mantém relações na série, e ele a questiona o porquê de tantas tatuagens no corpo. Hannah explica que ganhou muito peso na adolescência e que fez as tatuagens para sentir que tinha controle sobre o próprio corpo. Ele responde: “você não é mais *tão* gorda assim, pode retirá-las com *laser*”. Fica evidente a escolha das tatuagens como consumo cultural de forma a esconder suas inseguranças e, ainda mais clara, a cobrança de um comportamento mais apropriado para a personagem, que remete tanto ao papel social marcado pelo seu gênero, quanto à aspectos de feminilidade que se esperam da personagem.

Por fim, outra cena do episódio fundamental para se observar questões de

gênero é quando Hannah está nua em uma banheira com sua melhor amiga, Marnie, que está vestida. Hannah diz: “Nunca te vejo pelada e você sempre me vê. Deveria ser o contrário”. O fato de Hannah não ter um corpo “ideal”, como Marnie, a leva a severas críticas a si mesma. Ou seja, embora a série coloque uma personagem principal acima do peso, em cenas de nudez em que ela parece estar à vontade com seu corpo - o que poderia tensionar uma representação hegemônica- , o discurso sobre si mesma é severo e recai sob as normas do feminino construídas e mantidas socialmente.

Nessa mesma cena, ela faz uma crítica ao namorado de Marnie, que seria, para ela, submisso e que, portanto, “teria uma vagina”. Além disso, ao sugerir que o namorado de Marnie teria uma vagina, Hannah reforça que a submissão seria uma característica feminina, chamando mais uma vez ao papel social apropriado das mulheres e apontando um estereótipo social que simplifica o gênero feminino. Além disso, ela parte do pressuposto normativo de que sexo biológico e gênero haveriam uma relação necessariamente mútua, o que Butler refuta veementemente.

4.2. One’s Man Trash

O episódio *One’s Man Trash* é diferente dos outros porque se passa apenas entre



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Hannah e um homem reclusos em casa e, portanto, apresenta uma visão mais íntima da personagem. Há, inclusive, um tom cômico e *nonsense* durante as cenas, já que o episódio inteiro se desdobra quando ela chega à casa de um completo desconhecido para pedir desculpas por usar sua lixeira. A partir daí, convidada pelo dono da casa para entrar, eles passam dois dias juntos imersos num caso passageiro. Esse episódio é repleto de cenas de nudez da personagem principal, em que ela parece estar confortável com o seu corpo, ainda que esteja frente a um estranho e que não se encaixe nos padrões normativos de corpo, ou a aparência que se espera de uma mulher segundo estereótipos de gênero.

Palazzo (2013) no artigo *O corpo feminino na série de TV Girls* levantou alguns pontos interessantes para a presente reflexão. Em sua análise, a autora coloca que as culturas ocidentais definem corpos femininos desejados, que são fortemente atrelados à sexualidade e à reprodução, e que sua beleza se dá “sem manchas, sem rugas, sem celulite, de carnes firmes, seios e quadris em proporção ideal, cabelos longos, mãos e pés delicados e um rosto harmonioso.” (PALAZZO, 2013:9). Ela acrescenta:

Os cabelos desalinhados, os glúteos ondulados, a tranquilidade de um corpo movido por uma mente despreocupada em preencher requisitos dos paradigmas da sociedade, transgride e surpreende

expectadores que exigem a manutenção de um padrão. A nudez de Hannah busca se aproximar mais dos corpos reais e representar mulheres cujos corpos não se encaixam nos requisitos do que é chamado “beleza feminina”. (PALAZZO, 2013:9).

Apesar de se colocar num lugar de questionamento de representações tradicionais da mulher, Hannah ainda se vê sendo atravessada por eles ao dizer que nunca recebeu o *feedback* de que era bonita, por não se adequar aos padrões tradicionais de beleza. Também é visível o quanto ela tenta camuflar críticas a ela mesma com um tom de humor. “Diferente de atrizes e modelos que desfilam em uma passarela ou que fazem uma campanha de xampu ou maquiagem, Hannah não tem cabelos esvoaçantes nem pernas longas e esguias” (PALAZZO, 2013:14) e, apesar de suscitar tensionamentos ao padrão de beleza hegemônico nas cenas de nudez em que aparece em posições variadas e sem nenhum *glamour*, ela aparenta se esconder atrás do humor para justificar a falta de adequação ao padrão de magreza.

Nesse sentido, embora seja claro que a nudez transgressora de Hannah no episódio implique “deixar para trás séculos de corpos idealizados e normatizados por paradigmas patriarcais” (PALAZZO, 2013:10) e seja extremamente necessária para se trazer aos meios audiovisuais como uma representação do corpo feminino que não seja comumente vista, é possível, com o discurso da



personagem, vislumbrar uma cobrança dela mesma em relação ao seu corpo. Essa lógica contraditória mostra claramente o que Butler sugere ao dizer como que o gênero carrega cobranças sociais e se solidifica, através do discurso, de tal maneira como “um processo que não tem origem nem fim, de modo que é algo que “fazemos” e não algo que “somos”. (SALIH,2012: 67)

4.3. Queen for two days

No episódio *Queen for two days*, da quinta e última temporada lançada até o presente momento, é possível observar, mais uma vez, a nudez transgressora de Hannah e outros pontos relevantes para compreender a perspectiva de gênero segundo o aporte teórico já dado.

O episódio se inicia com Hannah e sua mãe em um carro em viagem para a Primavera das Rainhas, ou uma “fugida rejuvenescedora e relaxante no Dhanimahila, um tempo para conectar-se às suas virtudes de deusa e celebrar sendo uma mulher multifacetada”, segundo os dizeres do folder que Hannah lê em voz alta e faz rígidas críticas. Sua mãe, que em episódios anteriores acaba de descobrir que o marido é gay, refuta o julgamento da filha e responde que precisa disso, independente do nome e caráter do evento.

Ao colocar um personagem que descobre, aos sessenta anos de idade, seu desejo por pessoas do mesmo sexo, a série já aponta para uma aproximação da percepção de instabilidade de gênero que Butler discute a fundo. A fala de Hannah quando diz “você vai se divorciar, afinal, ter um marido gay não é o mesmo que não ter marido?” e o seu julgamento em relação a isso em vários momentos, incruste uma série de valores sociais que retratam bem a constituição social do gênero que se mantém preso a um discurso do qual não se pode fugir ou modificar.

Nesse mesmo episódio, Hannah, pela primeira vez, se relaciona com uma mulher. A cena, marcada por sexo e nudez explícita, escancara em um produto midiático uma possibilidade não hegemônica de representação do feminino; não pelo fato de sugerir que Hannah seja lésbica ou bissexual, representações pouco presentes nos produtos midiáticos, mas, ao colocar o desejo da personagem por alguém do mesmo sexo, a série provê uma desestabilidade das categorias sexo/gênero/desejo. Embora *Girls* traga para a cena audiovisual esses tensionamentos de gênero e feminilidade com a personagem Hannah, especialmente nas interações com outras personagens, atributos de aparência (corpo) e comportamento desejáveis a uma certa feminilidade são questionados dentro do próprio seriado. No



final desse mesmo episódio, em que Hannah tem relações sexuais com uma mulher, ela diz à sua mãe que os pais fizeram algo muito errado na sua criação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da construção da personagem Hannah não seguir necessariamente tradicionais estereótipos de gênero, rompendo certo padrão de beleza e comportamento feminino normativo na mídia, há na narrativa da série discursos que evocam várias cobranças para a adequação da protagonista a inúmeros papéis sociais de gênero. Seja nas falas da própria Hannah, ou de outros personagens, a performatividade de gênero, como definida por Butler, se mostra claramente presente na trama, haja vista que os sujeitos estão fortemente presos aos discursos normativos construídos socialmente.

O fato de Hannah ser uma protagonista acima do peso, por exemplo, que não é o que observamos de forma hegemônica nos produtos midiáticos, não necessariamente implica uma ruptura do que se espera de uma representação da mulher que rompe com padrões dominantes. Embora Hannah pareça estar muito segura de si e das suas escolhas, como seria a terceira mulher para Lipovetsky no contexto contemporâneo, na maior parte da

série, a protagonista ainda sofre com o caráter performático do gênero feminino e com crises constantes de identidade que são reforçadas pelo consumo cultural, que ocasionam em um conjunto de hábitos que a comprometem com determinado estilo de vida, que, como nomeia Filho, seria uma âncora identitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. Nova York: Routledge, 1990.

FILHO, João Freire. *Mídia, consumo cultural e estilo de vida na pós-modernidade*. ECÓ-PÓS-v.6. 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São. Paulo: Companhia das Letras, 2000

McRobbie, Angela. Post Feminism and Popular Culture: Bridget Jones and the New Gender Regime. In: Diane Negra and Yvonne Tasker, eds. *Interrogating Postfeminism: Gender and the Politics of Popular Culture*. Duke University Press.

MOTA-RIBEIRO, Silvana. *Retratos de mulher: construções sociais e representações visuais do feminino*. Porto: Campo das Letras, 2005.

PALAZZO, Daniela. *O corpo feminino na série de TV Girls*. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386784286_ARQUIVO_DanielaVieiraPalazzo.pdf. Acesso no dia 25/05/2016.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte. Autêntica: 2012.

XAVIER, Philipe; SOARES, Thiago. *O Estilo de Vida Indie na série Girl*. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2013/resumos/R37-0111-1.pdf>. Acesso: 25/05/2016.